

**CONFLUÊNCIAS NOS MODOS  
DE VIDA DE COMUNIDADES  
RURAS NEGRAS E  
QUILOMBOLAS NO  
SEMIÁRIDO DO NORDESTE  
BRASILEIRO**

*CONFLUENCES IN THE WAY OF  
LIFE OF BLACK RURAL AND  
QUILOMBOLAS COMMUNITIES IN  
THE SEMI-ARID NORTHEASTERN  
BRAZIL*

***Maria Aparecida Ventura Brandão***

Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente em Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina-PE-Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1749-4284>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0535138506139915>. E-mail: [aparecida.brandao@upe.br](mailto:aparecida.brandao@upe.br)

***Wbaneide Martins de Andrade***

Doutora em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno/UFRPE). PPG Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, UNEB/DEDC VIII. Universidade do Estado da Bahia, Brasil. Departamento de Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0336-7620>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0556890521617061>. E-mail: [wandrade@uneb.br](mailto:wandrade@uneb.br)

***Carlos Alberto Batista Santos***

Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno/UFRPE). Universidade do Estado da Bahia, Brasil. Departamento Tecnologia e Ciências Sociais. PPG Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, UNEB/DTCS III. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0024544164324027>. E-mail: [cabsantos@uneb.br](mailto:cabsantos@uneb.br)

**Resumo:** Este estudo faz interfaces entre os nove estados da federação brasileira localizados no semiárido nordestino no que concerne às vivências culturais, de memória e de identidade dos grupos rurais negros e quilombolas situados na região Nordeste do país, trazendo como tema as confluências nos modos de vida entre as comunidades rurais negras e quilombolas nesta região. Partimos da hipótese de que, nas vivências culturais de natureza religiosa e festivas (folguedos), há inflexões que romperam a passagem do tempo, bem como os poderes hegemônicos das classes dominantes. A metodologia deste estudo foi guiada por uma intensa revisão bibliográfica conjuntamente à técnica bola de neve. Os resultados apontam que as comunidades quilombolas do semiárido brasileiro mantêm fortes pontos de convergência na prática e crença de suas vivências culturais, religiosas, de memória e identitárias.

**Palavras-chave:** Quilombolas. Semiárido Brasileiro. Vivências Culturais. Religiosidades.

**Abstract:** This study explores the interfaces among the nine states in the Brazilian Semi-arid Northeast concerning the cultural experiences, memory, and identity of rural Black and Quilombola groups in the Northeast region of the country. The theme revolves around the convergences in lifestyle among Black rural communities and Quilombolas in this region. We have started from the hypothesis that, in the cultural experiences of a religious and festive nature (merrymaking), there are inflections that have broken the passage of time, as well as the hegemonic powers of the dominant classes. The methodology of this study was guided by an intensive literature review, combined with the snowball technique. The results indicate that Quilombola communities in the Brazilian Semi-arid region maintain strong points of convergence in the practice and belief of their cultural, religious, memory, and identity experiences.

**Keywords:** Quilombolas. Brazilian Semi-arid. Cultural Experiences. Religiosities.

## INTRODUÇÃO

O Estado “emerge das lutas sociais e políticas como lócus institucional da gestão e regulação da vida em sociedade”<sup>1</sup>. No capitalismo, o soberano passa a ser o capital e o Estado torna-se palco para os gerenciamentos da burguesia, que privilegia seus interesses de classe. Estado e capitalistas aliam-se à defesa do poder político e do poder econômico diante do acirramento da questão social<sup>2</sup>. A partir desse contexto político de soberania do Estado e sua gestão voltada para os interesses da burguesia, destaca-se, neste estudo, a existência tenaz das comunidades tradicionais rurais negras e quilombolas como uma parcela populacional que, nos últimos quarenta anos, vem, através de lutas por territórios e direitos, saindo da invisibilidade cultural, religiosa, descortinando suas memórias e identidades, categorias em relevo neste estudo.

O estudo traça uma abordagem comparativa entre comunidades rurais negras e quilombolas e as confluências entre essas comunidades a partir de estudos que analisam suas vivências religiosas e suas práticas culturais e ambientais, tendo como critério de inclusão o território semiárido do Nordeste brasileiro como habitat. Para o entendimento de comunidade, neste estudo, recorreu-se ao conceito de Bauman<sup>3</sup>, quando discute comunidade como espaço, que se relaciona com as formas de organização social dos indivíduos e o seu funcionamento. Para o autor, os aspectos que dão significado à comunidade já estariam associados ao pertencimento de um indivíduo a um determinado grupo social, como é o caso dos quilombos. Peruzzo<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> SILVA, Ademir Alves. As relações estado-sociedade e as formas de regulação social. *In: Capacitação em Serviço Social e Política Social: Reprodução Social, Trabalho e Serviço Social* (módulo 02). Brasília: CFESS; ABEPSS; CEAD; UnB, 1999. p. 55-71.

<sup>2</sup> LUSA, Mailiz Garibotti; SILVA, Maria Ester Ferreira da; ALBUQUERQUE, Cícero Ferreira de. Políticas públicas no semiárido alagoano e a resistência quilombola e camponesa frente à exploração capitalista. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 7., 2013, São Luís, MA. *Anais [...]*. São Luís, MA: UFMA, 2013.

<sup>3</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

<sup>4</sup> PERUZZO, Círcia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revistados e reelaborações no setor. *Revista Palavra Chave*, Colombia, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008. p. 377.

discorre que “a comunidade se funda em identidades, ação, conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros”. Assim sendo, pertencer a uma mesma etnia ou morar num mesmo bairro ou usar o mesmo transporte coletivo, não implica manter relações comunitárias<sup>5</sup>.

A denominação de quilombo surgiu no contexto colonial da América portuguesa para relacionar comunidades negras compostas por homens e mulheres escravizados e seus descendentes e que conseguiam escapar do sistema escravista ao formarem coletividades paralelas às agruras da estrutura vigente<sup>6</sup>.

O’Dwyer<sup>7</sup> acrescenta, ainda, que o termo quilombo se refere, sobretudo, a grupos que desenvolveram práticas recorrentes de resistência e de sobrevivência em prol da conservação e de reprodução de seus modos de vida e na busca pela consolidação de um território próprio. Segundo conclusões da autora, as formas de ocupação da terra não ocorreram e nem ocorrem de forma individual, predominando, nessa, o uso comum e de acordo com a sazonalidade das atividades desenvolvidas, sejam elas agrícolas, extrativistas ou de qualquer outra natureza, tomando por base laços de parentesco, compadrio, amizade e vizinhança. Souza<sup>8</sup> salienta, também, que a organização pressupõe conscientização, e oferece meios para maiores e mais articulações, que possibilitem formas concretas e enfrentamento da realidade.

A história da escravidão no Brasil mostra que a luta e a organização, marcadas por atos de coragem, caracterizaram o que se convencionou chamar de “resistência negra” cujas formas variavam de insubmissão às condições de trabalho, revoltas, organizações religiosas, fugas, até aos chamados mocambos ou quilombos<sup>9</sup>.

Assim, a organização social caminha na direção da identificação dos interesses e preocupações comunitárias. A tempo, retoma-se a compreensão de

---

<sup>5</sup> PERUZZO, 2008.

<sup>6</sup> ÁGUAS, Carla Ladeira Pimentel. Festa e fronteira: as celebrações intersticiais do Quilombo de Conceição das Crioulas. *Revista de História das Ideias*, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 463-478, 2017. DOI: 463-478[https://doi.org/10.14195/2183-8925\\_35\\_17](https://doi.org/10.14195/2183-8925_35_17).

<sup>7</sup> O’DWYER, Eliane Cantarino. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais em construção. In: ALMEIDA, Alfredo W. Berno de et al. (org.). *Territórios quilombolas e conflitos*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010. p. 42-49.

<sup>8</sup> SOUSA, Antonio Vilamarque C. de. *Afro-cearenses em construção: discursos identitários sobre o negro no Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2008.

<sup>9</sup> MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2006.

território, defendido por Marques<sup>10</sup>, como uma dimensão sociocultural e histórica, que diz respeito ao espaço geográfico de um determinado grupo étnico possuidor de uma organização social específica em que a utilização dos recursos naturais ocorre de acordo com as regras de convivência coletiva e tradições culturais. Sua noção de território também abarca a compreensão de que sua constituição se vincula a um processo histórico de construção de uma identidade social coletiva.

Para Fiabani<sup>11</sup>, os quilombos contemporâneos são considerados territórios de resistência cultural, dos quais fazem parte grupos étnicos raciais, que se identificam. Para o autor, o que caracteriza as comunidades negras são os vetores: costumes; ancestralidades; tradições; condições sociais; culturas e fatores econômicos específicos. Esses vetores os distinguem de outros segmentos da coletividade brasileira.

A pergunta, que norteou o estudo, compõe a seguinte proposição: De que forma o repertório cultural, espiritual, de memória e de identidade das comunidades de Laje dos Negros/BA e da ilha do Massangano/PE, situadas em áreas semiáridas do Nordeste brasileiro, apresentam ou não pontos de confluências com outras regiões do semiárido brasileiro? A pergunta suscitou a tese de que as comunidades investigadas mantêm fortes pontos de confluências umas com as outras nos quesitos: religião, folgedos, identidade, memória, cuidado com suas biodiversidades e tradição ancestral.

## **METODOLOGIA**

O estudo investiga os nove estados do Nordeste brasileiro, tendo como foco as comunidades rurais negras e quilombolas no intuito de identificar fatores de confluências entre essas. O semiárido brasileiro é o maior do mundo em extensão territorial, com aproximadamente 80% de sua dimensão pertencente ao território do Nordeste brasileiro, abrangendo parte dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do

---

<sup>10</sup> MARQUES, José da Guia. *Relatório Antropológico de reconhecimento e delimitação do território da Comunidade Quilombola Sítio Arruda*. Fortaleza: INCRA/SR-02/F/F4 CE, 2010.

<sup>11</sup> FIABANI, Adelmir. Mato, Palhoça e Pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). São Paulo: Expressão Popular, 2005.

---

Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia e leste do Maranhão<sup>12</sup>. Assim sendo, foi investigada uma comunidade rural negra de cada estado.

O escopo destes manuscritos envolve o protagonismo cultural, sagrado e ambiental dos grupos que habitam 75% dos territórios semiáridos da Região Nordeste e que terminaram por resultar na formação da tradição identitária e de memória dos grupos, quilombolas, considerando os fatores religiosos, festivos e culturais desses lugares.

Trata-se de um estudo de revisão narrativa de literatura, que alcançou sua robustez a partir do diálogo com um estudo de campo guiado pela análise de conteúdo. Adequada para discutir o estado da arte, a revisão narrativa não estabelece uma metodologia rigorosa; no entanto, é de fundamental relevância para a aquisição e atualização do conhecimento sobre um assunto específico<sup>13</sup>. Por essa razão, sua fusão com a análise de conteúdo proposta por Bardin<sup>14</sup>, tornou esse percurso metodológico amplo e propício na busca de publicações, adequadas para o tratamento e discussões acerca do estado da arte de um determinado tema sob a vertente teórica ou contextual.

Para tanto, foram pesquisados artigos de periódicos impressos e/ou eletrônicos como e-books e revistas. Por sua natureza ampla, a revisão da narrativa volta-se para a descrição do desenvolvimento de determinado tema a partir do processo de análise, descrição e interpretação da produção científica sobre o assunto. Ademais, este estudo resulta de um diálogo entre uma pesquisa de campo, realizada em duas comunidades: a Ilha do Massangano em Pernambuco e Lage dos Negros no estado da Bahia e da revisão narrativa da literatura encontrada, sob a ótica da análise de conteúdo<sup>15</sup>, oportunizando a articulação entre os elementos investigados em campo com o estado da arte já publicado.

---

<sup>12</sup> SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, dez. 2003.

<sup>13</sup> ALVAREZ DE TOLEDO, Juliane; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 139-156, 2017.

<sup>14</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edição revista e atualizada. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021.

<sup>15</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

A busca do material foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2022 na Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Foram utilizados os seguintes descritores: Semiárido Brasileiro – Cultura – Religiosidade - Festas – Identidade – Memória – Comunidades Quilombolas. Foram incluídos artigos e e-books disponibilizados na íntegra pelo indexador. O critério utilizado para inclusão das obras publicadas orientou-se pelos seguintes aspectos: conter as expressões utilizadas pelo título do artigo a ser produzido nos títulos das obras inseridas; conter expressões utilizadas no artigo a ser composto nas palavras-chave do artigo encontrado; ter vínculo temático do artigo a ser composto em resumos dos artigos produzidos acerca do tema. Das 156 produções científicas compiladas pela pesquisadora, 48 dessas produções foram escritas em gêneros diversos e foram incluídos no estudo por atenderem aos critérios acima evidenciados. Além dos 34 artigos, foram, também, inseridos, neste estudo 09 livros, 01 e-book, 01 tese, 01 certidão, 01 projeto, um relatório e uma citação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Almeida<sup>16</sup>, as terras ocupadas pelas comunidades quilombolas cumprem importante função social, pois, por meio da organização comunitária, esses grupos gerenciam e conservam os recursos naturais, garantindo a sua reprodução biológica e cultural. A posse coletiva do território favorece a família, a comunidade e a própria configuração étnica, cultural, religiosa de memória e identitária como um todo. No contexto dessa perspectiva, situam-se as comunidades examinadas neste estudo. Há, no que defende o autor, sintomáticas similaridades entre os nove territórios pesquisados no semiárido nordestino: Bahia, Pernambuco, Piauí, Alagoas, Ceará e Maranhão, Paraíba, Sergipe e Rio Grande do Norte. Nesses, os rituais sagrados configuram-se como uma das multiplicidades de saberes sociais, religiosos e humanos, que constituem os ambientes e territórios dos grupos ou comunidades quilombolas. Como salienta Malcher:

---

<sup>16</sup> ALMEIDA, Alfredo W. Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-32, 2004.

---

O Território é o elemento de construção da identidade étnica, que é o ponto mais importante da estrutura social. A permanência na terra não se faz regulado por categorias formais de propriedade e sim, pelo próprio grupo que determina, através do 'direito costumeiro', as regras que orientam todos os planos da vida social. As formas de acesso a terra incluem as dimensões simbólicas e as relações sociais. A estreita relação do grupo com a terra representa uma relação social bastante complexa e aponta para a existência da terra como território.<sup>17</sup>

Partindo, ainda, da noção de território adotada por este estudo, Santos<sup>18</sup>, vai dizer que, para além da visão da Geografia, “o território usado são os objetos e ações, sinônimo de espaço humano e espaço habitado”. Concluindo, Santos diz:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.<sup>19</sup>

Assim pensado, pode-se definir o território como algo socialmente produzido no qual, nas relações, estão todos os sentimentos humanos: afeto, desejos, sabores, pertencimento, empatias, lutas etc. O território é, portanto, o ser, o sentir e o fazer. A partir dessa noção, este estudo, voltado para o Semiárido do Nordeste Brasileiro, faz um trajeto marcado pelas culturas, identidades, memórias, religiosidade e meio ambiente de seus grupos e territórios quilombolas e, que, por isso mesmo, tornou-se o chão deste estudo.

Segundo dados do IBGE (2019)<sup>20</sup>, o Brasil totaliza 5.972 localidades quilombolas distribuídas entre 1.672 municípios brasileiros. O Nordeste é a região onde se concentra o maior número de localidade quilombolas no País com 3.171, ou seja, com 53% seguido da Região Sudeste com 23% e da Região Norte com 15%. É

---

<sup>17</sup> MALCHER, Maria A. Farias. Formação e territorialização quilombola no estado do Pará. *Revista da ABPN*, Curitiba, v. 9, n. 23, p. 57-81, jul./out. 2017. p. 60.

<sup>18</sup> SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria L. *Território: Globalização e fragmentação*. 5. ed. São Paulo: Hucitec; Anpur, 2002. p. 160.

<sup>19</sup> SANTOS, 2002, p. 10.

<sup>20</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Base de Informações sobre Indígenas e Quilombolas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://dadosgeociencias.ibge.gov.br/portal/apps/sites/#/indigenas-e-quilombolas>. Acesso em: 20 nov. 2022.

importante ressaltar que novos números percentuais podem surgir a partir da conclusão do levantamento em curso dos atuais dados do IBGE 2022<sup>21</sup>.

Os territórios quilombolas são os locais com maior conservação da natureza, por se constituírem como agrupamentos de pessoas cujo fundamento de interação com o meio ambiente não está voltado para fins econômicos<sup>22</sup>. A realidade das comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro localizadas no semiárido nordestino, ainda, apresenta-se com um déficit em suas qualidades de vida, que se voltam para a estrutura, acesso a saneamento básico, educação, condições de moradia, renda e baixo IDH -Índice de Desenvolvimento Humano suas memórias<sup>23</sup>.

No conjunto dos estados pesquisados, o sentimento de pertencimento, produção cultural, vivências religiosas e preocupação com o meio ambiente somatizam um conjunto de significados, saberes, valores e vivências culturais próprias de um só povo distribuído pelos nove estados da Região Nordeste nos territórios do Semiárido, conforme atesta a literatura geral estudada sobre essas questões.

No Ceará, encontra-se a comunidade quilombola Sítio Arruda, que mantém proximidade histórica com Cabrobó, cidade margeada pelo rio São Francisco no estado de Pernambuco e com o Sertão Araripe do Ceará. Consubstanciando a afirmação acima, Rodrigues *et al.*<sup>24</sup> descrevem a sede da comunidade na região do Cariri na Chapada do Araripe. As famílias que aí residem são consideradas famílias tronco: a família Nascimento oriunda de Cabrobó/PE, Caetano de Souza, oriunda de Inhamuns/CE e Pereira da Silva, oriunda da Chapada do Araripe/CE, que, ao longo do tempo, realizaram trocas matrimoniais<sup>25</sup> e cuja ancestralidade era composta por escravizados.

---

<sup>21</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>22</sup> COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. *A importância dos quilombos para a preservação do meio ambiente*. [S.l.]: CONAQ, 2022. Boletim Informativo, v. 4.

<sup>23</sup> DUQUE, Adauto N. Fonseca; VIEIRA, Maria A. Barros; SOUZA, Raimundo N. Rodrigues de. História e memória em quilombos do semiárido piauiense: patrimônio e identidade cultural. In: SANTOS, Cleberton Correia (org.). *O Semiárido Brasileiro e suas Especificidades*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. p. 195-220.

<sup>24</sup> RODRIGUES, Tayronne de Almeida *et al.* Comunidade Quilombola do Sítio Arruda: organização política, identitária e territorial. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 10, n. 11, e553101120245, 2021.

<sup>25</sup> MARQUES, 2010.

---

Geralmente, a chegada dos quilombolas aos territórios do Semiárido Brasileiro deve-se ao ciclo migratório e às manifestações culturais e religiosas vivenciadas no local evidenciam e articulam as relações dos moradores com seus territórios. Desde a década de 80 do século passado, grupos formaram as comunidades quilombolas no Semiárido Nordestino o qual se tornou um espaço de acolhida para famílias marcadas pelo sofrimento das relações de exploração de trabalho impetradas pelos grandes proprietários de terra<sup>26</sup>.

Por outro lado, vale destacar que a conservação do meio ambiente por quilombolas faz parte de seus universos de práticas sagradas. Há a compreensão de que, sem o cuidado com o meu ambiente, a vida na Terra será sucumbida ao nada.

Malcher<sup>27</sup>, ao discutir acerca da territorialização, menciona que essa se faz como parte da construção do movimento no tempo e no espaço, uma vez que é, nesse espaço, que há as relações entre os ditos sujeitos e a natureza, registrado pela memória individual e coletiva, e, conseqüentemente sendo fruto e condição de valores e conhecimentos.

Pereira e Almeida<sup>28</sup> investigam como as pessoas sentem e pensam sobre os elementos constituintes das paisagens, como elas os percebem, que significados atribuem a esses valores afetam suas atitudes e como isso influencia em determinadas mudanças.

Em relação às tradições culturais e religiosas nos territórios do Semiárido Nordestino herdadas de seus ancestrais, Marques<sup>29</sup> assume que está se constituindo um certo arrefecimento de suas práticas devido à morte de alguns líderes antigos, bem como um crescente desinteresse dos mais jovens pela manutenção das tradições. Dentre essas tradições, destacam-se cantos fúnebres, como benditos e incelenças e banda de pifes. Práticas de rituais da religião Umbanda também foram

---

<sup>26</sup> RODRIGUES *et al.*, 2021.

<sup>27</sup> MALCHER, Maria Albenize Farias. A geografia da territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé – Açú: o caso da ARQUINEC – Associação das comunidades Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – CEFET, Belém, 2006. p. 67.

<sup>28</sup> PEREIRA, Lídia Milhomem; ALMEIDA, Maria G. de. Paisagens construídas, mineração e turismo conforme a percepção dos moradores em Minaçu-GO. *CULTUR – Revista Cultura e Turismo*, Ilhéus, BA, ano 3, n. 1, p. 78-86, 2009. p. 71.

<sup>29</sup> MARQUES, 2010.

abandonadas. Alves<sup>30</sup>, também, observa que algumas manifestações tradicionais, terços, velórios e sentinelas são praticados nas casas dos moradores.

Há, no estado cearense, outro ritual fora das dependências da Igreja que, geralmente, ocorre no dia 02 de novembro, Dia de Finados, data em que as mães se reúnem no cemitério dos anjinhos para ornamentar e colocar flores nos túmulos de seus filhos, que morreram antes de serem batizados. Essa prática cearense, do cemitério dos anjinhos, remete à ilha do Massangano/PE que desenvolve seus rituais de Penitência alimentada por benditos, ladainhas, cantos, autoflagelo corporal no cemitério dos anjinhos, concebido pelos massanganos como um local puro por ser a criança símbolo de inocência e pureza.

Dentre os rituais praticados em comunidades quilombolas, Alves<sup>31</sup>, também, menciona a prática coletiva de orações, benditos, incelências e outros cantos fúnebres realizados durante os velórios, resultado da fusão de culturas de matriz portuguesa, africana e indígena. Conforme Cascudo<sup>32</sup>, incelências são orações cantadas nos velórios e muito ritualizadas no Nordeste brasileiro, mantendo-se vivas até o momento presente.

Duque, Vieira e Souza<sup>33</sup> salientam, em suas pesquisas, que os quilombolas, no estado do Piauí, discutem, sistematicamente questões imanentes a eles em seminários e em fóruns de debates, temas como a religiosidade, as práticas e saberes, que constituem o patrimônio material e imaterial das comunidades. A conservação desse patrimônio inclui práticas ancestrais e perpassa pela valorização externa e, até mesmo, pela garantia de ocupação das terras de seus antepassados.

A construção histórica das comunidades quilombolas tem por base a memória coletiva materializada em inúmeros espaços de representados pelo cemitério, casas antigas, rios, igreja, pelos ciclos de estiagem, roças, enfim, lugares de memória<sup>34</sup>.

---

<sup>30</sup> ALVES, José Willame Felipe. *A emergência das comunidades quilombolas como fenômeno político no Ceará*: Sítio Arruda, no município de Araripe. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2018.

<sup>31</sup> ALVES, 2018.

<sup>32</sup> CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2012. p. 281.

<sup>33</sup> DUQUE; VIEIRA; SOUZA, 2019.

<sup>34</sup> NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez.1993.

---

Esses grupos têm suas existências marcadas pela necessidade de manter viva a memória coletiva que se constitui como garantia de continuidade, legitimidade territorial e pertencimento. Como afirma Pollak<sup>35</sup>, ela é indispensável para a manutenção e vivência em grupo, pois está relacionada às afirmações e construções de identidades essenciais à coesão do grupo.

Boakari e Gomes<sup>36</sup> analisam que as populações negras rurais do Semiárido Nordestino são consideradas comunidades tradicionais porque, em sua maioria, os habitantes têm relações de parentesco, compadrio e descendência comum, ou seja, ex-escravizados e orientam-se por normas históricas baseadas nas influências da presença dos seus antepassados, valorizando suas identidades e a vida em grupo. As regras de acesso à terra e de vizinhança emergiam das relações de parentesco das famílias com o ancestral comum, de modo que a construção das novas moradias dos herdeiros seguia a regra de proximidade da casa dos pais do noivo ou da noiva.

Ao privilegiar o parcelamento da terra para moradia dos herdeiros em detrimento das áreas para os plantios, as famílias encontraram um mecanismo para assegurar a continuidade do grupo de parentesco através do território. Para suprir a necessidade de terras para alimentar as famílias, foram identificadas as práticas do arrendamento de terras vizinhas para agricultura, como estratégia diante da escassez de terras para a agricultura na comunidade.

A identidade quilombola, dentro das comunidades negras rurais, é reforçada em seus modos de ser, sentir e fazer. Sua construção faz-se presente no dia a dia da comunidade pelos seus costumes e tradições passadas de geração a geração e são, marcadamente, evidenciadas como ferramentas de luta política pelas disputas em prol do reconhecimento da sua negritude, de suas reminiscências quilombolas, de seu território e de seus direitos. Coexiste, em cada comunidade rural negra, aquilo que Stuart Hall<sup>37</sup> aborda a respeito da identidade étnica: “essa vai se reconstruindo e (re)

---

<sup>35</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

<sup>36</sup> BOAKARI, Francis Musa; GOMES, Ana B. Souza. *Comunidades negras rurais no Piauí: mapeamento e caracterização sociocultural*. Teresina: EDUFPI, 2005.

<sup>37</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2006. p. 20.

configurando ao longo do processo histórico”. Para Andrade<sup>38</sup>, não se pode entendê-la como algo definido plenamente desde o início da história de um povo.

Geralmente, nessas comunidades, a religião professada é o catolicismo. Nas casas, sempre há um quadro com a figura de um santo. Podemos perceber essas mesmas características nos quilombos Conceição das Crioulas/PE<sup>39</sup> e da ilha do Massangano, aspecto que marca outra confluência entre as comunidades quilombolas do Semiárido brasileiro.

Vale ressaltar que Conceição das Crioulas é uma comunidade quilombola situada no semiárido pernambucano, que suscitou a produção de uma vasta literatura a partir de suas formas de resistência, de engajamento, de relações pessoais e de curiosas maneiras de expressão da religião e da cultura em geral, tornando-se ímpar pela produção de suas bonecas negras, símbolo de resistência não somente pela tenacidade da fibra do caroá, material, que lhes dá forma, mas, também por significar, retroalimentar a memória do quilombo e reafirmar sua identidade étnica. Cada uma das bonecas confeccionadas representa um ofício importante na comunidade, realizado pelas benzedadeiras, parteiras, artesãs, professoras, catequistas e animadora da comunidade<sup>40</sup>. As bonecas, também, habitaram, por longo tempo, o imaginário dos primeiros quilombolas da comunidade baiana de Lage dos Negros. As bonecas confeccionadas na comunidade representavam os santos católicos cultuados pelos brancos. Com o desejo de terem seus santos, as crianças costuravam bonecas de pano e prestavam a essas seus cultos.

Para garantir a sobrevivência desde sua formação<sup>41</sup>, salientam que a comunidade de Conceição das Crioulas desenvolve habilidades socioculturais

---

<sup>38</sup> ANDRADE, Maristela Oliveira de. Os negros de Pedra D'água. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, v. 1, n. 26, p. 311-318, jan./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n26.57467.p311-318>.

<sup>39</sup> SOUZA, Vânia R. F. de Paiva. Conceição das Crioulas, Salgueiro (PE). In: O'DWYER, Eliane Catarino (org.). *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

<sup>40</sup> SILVA, Givânia Maria da. Projeto político pedagógico: instrumento de afirmação de direitos e cidadania no Quilombo Conceição das Crioulas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 26., 2013, Recife. *Anais [...]*. Recife: Associação Nacional de Política e Administração da Educação, 2013.

<sup>41</sup> FREIRE, Emanuel Andrade; MARQUES Juracy. Lutas pelo Reconhecimento da Identidade Quilombola: a Comunidade de Conceição das Crioulas-Pernambuco e as Estratégias Comunicativas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 18., 2016, Caruaru, PE. *Anais [...]*. Caruaru, PE: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em

voltadas para a música, o artesanato, a dança, a culinária, entre outras manifestações. Com uma área aproximada de 17 mil hectares, a defesa da posse da terra, a questão étnica, direitos e a importância da unidade do grupo estão presentes nos discursos dos quilombolas do lugar<sup>42</sup>.

A principal manifestação de religiosidade é festa de Nossa Senhora da Assunção, realizada por nove dias durante o mês de agosto. Conceição das Crioulas é formada por inúmeras pequenas localidades espalhadas por um amplo território e, nessa, destaca-se a festa dedicada à santa como um momento de reafirmação dos elos identitários e do sentido interno de comunidade. É por meio de uma cerimônia de passagem de testemunho que une, no campo simbólico, diferentes grupos, ou seja, a presença simultânea de diversos universos culturais, dentro do mesmo espaço, simboliza uma manifestação de vida em comunidades tradicionais negras: as festas, como “ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa dos participantes”<sup>43</sup>, conclui Águas citando Guarinello.

Guarinello<sup>44</sup> define a festa como uma ação coletiva, que deriva da relação de afetos e emoções em torno de um objeto que, ao ser comemorado, torna-se símbolo de unidade entre os participantes na construção de certa identidade. As festas são, portanto, um ponto de confluência entre as comunidades negras do Semiárido brasileiro. Já as manifestações culturais reforçam, alegoricamente, o sentido das comunidades rurais negras por serem expressões, também, herdadas de suas ancestralidades.

Estudos anteriores de Souza e Santos<sup>45</sup> identificaram identidades regionais do sertão do estado de Alagoas, analisando os modos de vida de suas gentes, considerando elementos de suas culturas patrimoniais, seus saberes e suas práticas tradicionais como as danças e as expressões religiosas.

---

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1724-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

<sup>42</sup> FREIRE; MARQUES, 2016.

<sup>43</sup> GUARINELLO, 2001 *apud* ÁGUAS, 2017, p. 471.

<sup>44</sup> GUARINELLO, Norberto L. Festa, trabalho e cotidiano. *In*: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial/Hucitec/Fapesp, 2001. v. 2. p. 969-975.

<sup>45</sup> SOUZA, Angela Fagna Gomes de; SANTOS, Rodrigo Herles dos. Identidades e socioespacialidades de comunidades tradicionais do sertão de Alagoas. *GEOSABERES – Revista de Estudos Geoeducacionais*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 362-375, jul./dez. 2015.

Segundo os autores, o estado de Alagoas é uma geografia singular entre o vivido, o vivo, o imaginário e o simbólico entre espaço natural e lugar sociocultural do sertão. Essa percepção de Souza e Santos<sup>46</sup> pode ser atribuída a todas as comunidades rurais negras do Semiárido brasileiro que depositam, no simbólico dos seus modos de vida, um imaginário comum a todas as comunidades tradicionais. Dados do IBGE<sup>47</sup> revelam que o estado de Alagoas sempre será considerado pioneiro por ter sido palco da maior revolta de escravizados ocorrida no Brasil colônia, tendo no Quilombo de Palmares, localizado na Serra da Barriga, com 62.300 habitantes, a figura da resistência de Zumbi dos Palmares.

O episódio dos Palmares inspirou todos os demais quilombos que se formaram depois e alicerçou a constituição de grupos e quilombos em todo o território nacional. Marques, Mendes e Silva<sup>48</sup> concluem, em seus estudos, que a história de Alagoas está para sempre marcada pelo grande episódio dos Palmares como símbolo de lutas e resistência.

No Brasil, os quilombos, tidos como núcleos paralelos de poder, organização social e produção de subsistência, eram considerados a expressão mais radical de ruptura com o sistema latifundiário e escravista, e tinham como emblema principal o Quilombo de Palmares.<sup>49</sup>

A comunidade quilombola do Povoado Cruz em Delmiro Gouveia é um exemplo de luta e resistência para manter-se viva e forte, mesmo com o processo de aculturação do século atual. Noutros tempos, fora chamado de Cruz de Silvania em atribuição ao local da morte da assim conhecida Silvania, líder fundadora da comunidade<sup>50</sup>; os quilombos, geralmente, têm seus nomes vinculados ao nome de um povo ou família fundadora do local.

---

<sup>46</sup> SOUZA; SANTOS, 2015.

<sup>47</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *União dos Palmares*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/uniao-dos-palmares/historico>. Acesso em: 20 nov. 2022.

<sup>48</sup> MARQUES, Amanda Christinne Nascimento; MENDES, Carmelita Bastos; SILVA, Weronike Caraíba Moreira. Pelo direito de ser diferente: a situação atual das comunidades quilombolas em alagoas. *Brasil Revista Científica do IFAL*, Maceió, v. 3, n. 2, jul./dez. 2012.

<sup>49</sup> MIRANDA, Shirley A. de. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 369-383, maio/ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200007>.

<sup>50</sup> SILVA, Wellington Amâncio da; MIRA, Feliciano de. Gestão socioambiental na comunidade de remanescentes quilombolas de Cruz em Alagoas. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, SP, v. 10, n. 3, p. 75-85, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991771>.

---

A comunidade quilombola Povoado Cruz tem seu nome vinculado à Cruz Milagrosa que a escrava Sylvania mantinha em suas devoções com as divindades e ligação entre o Catolicismo e Candomblé<sup>51</sup>. O mesmo fenômeno ocorre em Lage dos Negros, que tem seu nome vinculado a Maria Lages, membro de uma família de escravizados, que deu origem ao local, bem como em muitas outras localidades quilombolas. Em relação à mistura de crenças, observa-se que esse é um amálgama, que configura o fenômeno híbrido ou sincrético da religiosidade. Esse fenômeno constitui a alma dos grupos de quilombos do Semiárido Brasileiro. O aspecto sincrético ou sincretismo passou a ser identificado com a dominação colonial e, por isso, é considerado por muitos como ultrapassado. Hibridismo é oposto como termo mais amplo<sup>52</sup>.

De acordo com Souza e Santos<sup>53</sup>, o artesanato e as danças que melhor representavam as expressões culturais das comunidades, atualmente, estão enfraquecidas; contudo, a pesca, a criação de caprinos e a agricultura, ainda, são bastante praticadas no Povoado de Cruz. A população de maioria católica demonstra sua religiosidade na festa do padroeiro São João, que acontece entre os dias 19 e 24 de junho. Como em todas as comunidades quilombolas do Semiárido, a tradição se mantém, sobretudo, pelas festas do culto aos santos que, na maioria das vezes, se relaciona aos seus padroeiros.

De acordo com os estudos de Santos, Leite, Rocha e Barbosa<sup>54</sup>, o Maranhão é o estado que apresenta o maior número de comunidades quilombolas entre as recenseadas. Dados do IBGE<sup>55</sup> apontam que 74% da população do estado do Maranhão é negra, sendo o estado do Nordeste que concentra o maior número de

---

<sup>51</sup> SILVA; MIRA, 2015.

<sup>52</sup> FERRETTI, Sergio F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *R. Pós Ci. Soc.*, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 15-34, jan./jun. 2014.

<sup>53</sup> SOUZA; SANTOS, 2015.

<sup>54</sup> SANTOS, Saulo Ribeiro dos *et al.* Possibilidades e realidades em comunidades Quilombolas do Maranhão: o turismo como resgate da memória e identidade. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, v. 8, n. 2, p. 316-336, 2020.

<sup>55</sup> PROJEÇÃO da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, 01 ago. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018>. Acesso em: 10 out. 2022.

comunidades quilombolas e comunidades remanescentes de quilombos reconhecidos, conforme a Fundação Cultural Palmares<sup>56</sup>.

Nesse amalgama de temas e achados, o tratamento dado às crenças, superstições, manejo e uso do meio ambiente com consciência encontra relativa relação no semiárido e se perpetuam, mesmo que acanhadamente nos tempos atuais pela presença de instituições de manutenção da cultura, como comissões, escolas e algumas secretarias de cultura.

Comunidades que residem em áreas de quilombos são consideradas, em sua maioria, territórios culturais em função de sua existência em núcleos relativamente isolados na malha geográfica regional<sup>57</sup> e buscam o autor- reconhecimento identitário e de afirmação sociocultural, já que o isolamento geográfico, geralmente, provoca problemas socioeconômicos que contribuem para o esquecimento dessas comunidades e, também, certa exclusão das políticas públicas<sup>58</sup>.

As comunidades quilombolas paraibanas, também, destacam-se por sua força de resistência ao escravismo. Os escravizados fugiam para as matas; contudo, sob a exigência das classes dominantes citadinas, os quilombos eram destruídos e os escravos marcados com ferro em brasa com a letra F na testa e era cortada uma orelha em caso de resistência, salienta Moura<sup>59</sup>.

Nas considerações de Grossi e colaboradores<sup>60</sup>, os idosos das comunidades quilombolas são concebidos por essas comunidades como monumentos culturais, pois transmitem valores e/ou saberes ancestrais e tradições para as gerações futuras. Não há como dissociar a presença do idoso das práticas culturais, religiosas e de folguedos nos quilombos brasileiros. Há uma fonte comum, um fato ou fatos comuns

---

<sup>56</sup> MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Cultural Palmares. *Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQS) atualizada até a portaria nº 268/2017, publicada no dou de 02/10/2017*. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em: set. 2022.

<sup>57</sup> OLIVEIRA, Anelize Martins de; MARINHO, Marcelo. Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio: manifestações culturais, turismo e desenvolvimento local. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 23-30, 2005.

<sup>58</sup> ALMEIDA, Maria da C. Pinheiro de. O movimento quilombola na baixada ocidental maranhense: história, memória e identidade de comunidades remanescentes de quilombos em Pinheiro. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27.*, 2013, Natal, RN. *Anais [...]*. Natal, RN: Associação Nacional de História, 2013.

<sup>59</sup> MOURA, Clóvis. *Quilombo: Resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1987.

<sup>60</sup> GROSSI, Patricia Krieger; OLIVEIRA, Simone Barros de; OLIVEIRA, Jairo da Luz. Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração. *Revista De Políticas Públicas*, São Luís, v. 22, p. 929-948, 2018.

---

que integram todas as histórias de quilombos e que se perpetuam e isso diz respeito aos membros mais idosos das comunidades rurais negras.

Na Paraíba, como em demais territórios do Semiárido Nordestino, essa presença continua forte na elaboração e continuidade das práticas culturais da religião, folguedos e festas, na formação identitária e de memória desses grupos. No intuito de conservarem suas tradições, testemunham a origem dos maus tratos nos quilombos em que viviam seus antepassados e têm um espaço de privilégio nas comunidades em que vivem. Suas histórias são fontes de resistência.

Cunha<sup>61</sup> salienta que o quilombismo, como fato heroico, mostra a resistência negra nas lutas contra os sistemas de injustiças sociais. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. Outro fator de resistência situa-se, segundo a Associação Brasileira de Antropologia, na identidade desses grupos, pois identidade não se define por tamanho nem número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de uma trajetória comum e da continuidade como grupo.

Já os mais jovens, na visão de muitos pesquisadores, estão mais voltados para a contemporaneidade da cultura das mídias, pouco valorizando as tradições deixadas por suas ancestralidades. Todos esses fatores que se estendem aos territórios quilombolas foram observados na pesquisa como um ponto de fragilidade ante a resistência dos grupos formados pelos indivíduos mais idosos das comunidades em geral.

No estado de Sergipe, as questões quilombolas são marcadas pelos conflitos de terras motivadas pela cobiça de empreendedores, que se opõem à identidade quilombola pela garantia do direito à terra de seus antepassados. Essa disputa, também, tem tido a violência, que se manifesta na forma física e psicológica, como principal agravo à saúde dos quilombolas, que têm a qualidade de vida ameaçada

---

<sup>61</sup> CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço acadêmico*, [S.l.], n. 129, p. 158-167, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14999/8667>. Acesso em: 10 out. 2022.

pela iminência de desterritorialização<sup>62</sup>. Por extensão ao problema, os autores, ainda, concluem que, no que pese o racismo ambiental, esse vem dar relevo às injustiças ocasionadas pelo modelo de desenvolvimento hegemônico que intenciona, entre outras barbáries, esconder e naturalizar o racismo.

Essas questões reverberam na cultura e ameaçam os significados de algumas práticas culturais na comunidade de Mocambo em Sergipe. Entre elas, o samba de coco, que foi reconfigurado no processo de reconhecimento legal, ou seja, como evidência de uma história oriunda de escravos fugitivos, tornando-se um veículo tanto para expressar uma identidade em relação à lei quanto como meio de concretização dos desejos mais profundos de reconhecimento por parte de uma comunidade particular que possuía vínculos com a terra na qual seus membros vivem e trabalham há gerações<sup>63</sup>.

Há, no estado de Sergipe, 33 comunidades remanescentes de quilombos certificadas e 3 com processo de certificação aberto; distribuídas em 29 municípios, as comunidades concentram-se principalmente nas regiões Leste do Sergipano, Centro-Sul Sergipano e Baixo São Francisco Sergipano (FCP), 2018.

Em muitas das comunidades quilombolas sergipanas, seus moradores preservam costumes, comportamentos, lendas e crenças dos antepassados e praticam o candomblé (religião predominante). A africanização de muitos dos quilombos sergipanos, a exemplo de Pirangi, demonstra forte vínculo entre a maioria dos moradores dessa comunidade e as memórias da escravidão<sup>64</sup>.

Historicamente, o estado do Rio Grande do Norte não recebeu negros vindos diretamente do continente africano. O processo de imposição de práticas diferenciadas desconstruiu, em parte, muitos dos costumes das populações subjogadas. Por outro lado, muitas práticas foram ressignificadas com a mistura dos

---

<sup>62</sup> SANTOS, Roberto dos Lacerda; SILVA, Gicélia Mendes da. Reterritorialização, conflitos ambientais e saúde em comunidades quilombolas de Sergipe. *Revista da ABPN*, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 239-254, nov. 2015/fev. 2016.

<sup>63</sup> FRENCH, Jan Hoffman. Os quilombos e seus direitos hoje: entre a construção das identidades e a história. *Revista de História*, [S.l.], n. 149, p. 45-68, 2003.

<sup>64</sup> SANTANA, José Humberto dos Santos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do português falado em comunidades rurais afro-brasileiras de Sergipe: patrimônio e memória. *Palimpsesto – Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 121-138, 2018.

costumes<sup>65</sup>. Muitas das características dos cultos africanos foram inseridas nas práticas do catolicismo, como a realização de procissões às divindades africanas ou aos santos católicos e a construção de santuários para a adoração de seus respectivos santos ou deuses<sup>66</sup>.

Atualmente, quase todas as comunidades do estado do Rio Grande do Norte têm como padroeiros santos católicos, que são cultuados e apresentam traços de um hibridismo religioso afro-brasileiro, seja pela presença de batucadas, que embalam os louvores aos santos, o uso de fitas coloridas enfeitando as suas imagens e as procissões que também vêm de tradições afro-brasileiras<sup>67</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da segunda metade da década de 1980 do século vinte, entram em cena elementos até então invisibilizados tanto no aporte jurídico como em estratos de grande parte da sociedade branca e hegemônica brasileira: os quilombolas – sujeitos coletivos erigidos de um processo de lutas e de resistência, signatários de um novo tempo que a eles se abre na perspectiva de significativas conquistas. Tais sujeitos assumem-se signatários, autores e atores principais de uma nova ordem a ser não apenas escrita ou narrada, mas também portadora de identidade, memória e cultura próprias decorrentes de suas tradições e ancestralidades. Gerativas do sentimento de pertencimento, as comunidades rurais negras assumem seus plenos direitos, agora sob a regência da carta magna de 1988, 100 anos após a legalidade de uma abolição, que não foi suficiente para o reconhecimento desses sujeitos como atores sociais de direitos.

As comunidades quilombolas e outras que se autorreconhecem como comunidades tradicionais passam, então, a serem estudadas e pesquisadas em seus modos de vida. São comunidades espalhadas por quase todo o território nacional,

---

<sup>65</sup> PEREIRA, Camila Silva; LIMA, Francisca Elizonete de Souza. A espacialização da cultura e as territorialidades quilombolas no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, Anápolis, GO, v. 11, n. 16, p. 223-239, jul./dez. 2015.

<sup>66</sup> VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1977.

<sup>67</sup> PEREIRA; LIMA, 2015.

mas com a vivência conceitual de território ressignificada e atrelada às suas identidades. Assim sendo, a identidade quilombola, dentro das comunidades negras rurais, é reforçada em seus modos de ser, sentir e fazer. Sua construção faz-se presente no dia a dia da comunidade pelos seus costumes e tradições passadas de geração a geração e são, marcadamente, evidenciadas como ferramentas de lutas políticas pelas disputas em prol do reconhecimento da sua negritude, de suas reminiscências quilombolas, de seu território e de seus direitos.

Com efeito, há, de forma geral, entre esses grupos, confluências e identidades similares nas práticas religiosas, memória, cultura e de cuidado com suas biodiversidades. Este estudo não sinalizou inconfluências nas vivências das tradições desses grupos. Embora habitem territórios que, na dimensão geográfica, apresentem-se distintos e distantes, suas origens e matrizes históricas, políticas e sociais se entrelaçam formando um só povo com a designação de sujeitos da tradição de seus antepassados.

A religiosidade, as festas e os valores parecem ter sido originados de um mesmo tronco, bem como suas formas de organização, de lutas e de conquistas em suas autoafirmações.

O estudo mostra que o catolicismo presente na maioria das comunidades quilombolas, tornou-se, por influxos entre seus membros, a religião predominante. Contudo, é preciso levar em consideração que os festejos religiosos são conduzidos pelos diversos sistemas simbólicos das religiões africanas, dando conta de uma natureza híbrida em seus elementos sagrados. Portanto, nada impede que outras manifestações de fé como a umbanda e o candomblé sejam praticadas.

A religião católica originária da crença europeia e as demais de matrizes africanas praticadas pelo culto aos santos católicos, orixás e rodas de dança aguçam as crenças nas comunidades rurais negras e contribuem com o sentimento de pertencimento desses sujeitos em seus territórios. Com efeito, acentua-se o caráter híbrido de suas vivências religiosas, tornando mais significativas as suas existências, onde nada se dicotomiza ou se fragmenta: território, ambiente, crenças e ser.

## REFERÊNCIAS

---

ÁGUAS, Carla Ladeira Pimentel. Festa e fronteira: as celebrações intersticiais do Quilombo de Conceição das Crioulas. *Revista de História das Ideias*, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 463-478, 2017. DOI: 463-478[https://doi.org/10.14195/2183-8925\\_35\\_17](https://doi.org/10.14195/2183-8925_35_17).

ALMEIDA, Alfredo W. Berno de. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 9-32, 2004.

ALMEIDA, Maria da C. Pinheiro de. O movimento quilombola na baixada ocidental maranhense: história, memória e identidade de comunidades remanescentes de quilombos em Pinheiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal, RN. *Anais [...]*. Natal, RN: Associação Nacional de História, 2013.

ALVAREZ DE TOLEDO, Juliane; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Teoria da mente em adultos: uma revisão narrativa da literatura. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 139-156, 2017.

ALVES, José Willame Felipe. *A emergência das comunidades quilombolas como fenômeno político no Ceará*: Sítio Arruda, no município de Araripe. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2018.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. Os negros de Pedra D'água. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, v. 1, n. 26, p. 311-318, jan./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.46906/caos.n26.57467.p311-318>.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Edição revista e atualizada. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOAKARI, Francis Musa; GOMES, Ana B. Souza. *Comunidades negras rurais no Piauí: mapeamento e caracterização sociocultural*. Teresina: EDUFPI, 2005.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2012.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE ARTICULAÇÃO DAS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS QUILOMBOLAS. *A importância dos quilombos para a preservação do meio ambiente*. [S.l.]: CONAQ, 2022. Boletim Informativo, v. 4.

CUNHA JUNIOR, Henrique Antunes. Quilombo: patrimônio histórico e cultural. *Revista Espaço Acadêmico*, [S.l.], n. 129, p. 158-167, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14999/8667>. Acesso em: 10 out. 2022.

DUQUE, Adauto N. Fonseca; VIEIRA, Maria A. Barros; SOUZA, Raimundo N. Rodrigues de. História e memória em quilombos do semiárido piauiense: patrimônio e identidade cultural. *In: SANTOS, Cleberton Correia (org.). O Semiárido Brasileiro e suas Especificidades*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. p. 195-220.

FERRETTI, Sergio F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *R. Pós Ci. Soc.*, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 15-34, jan./jun. 2014.

FIABANI, Adelmir. Mato, Palhoça e Pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). São Paulo: Expressão Popular, 2005.

FREIRE, Emanuel Andrade; MARQUES Juracy. Lutas pelo Reconhecimento da Identidade Quilombola: a Comunidade de Conceição das Crioulas-Pernambuco e as Estratégias Comunicativas. *In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, 18., 2016, Caruaru, PE. *Anais [...]*. Caruaru, PE: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016. Disponível em <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1724-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

FRENCH, Jan Hoffman. Os quilombos e seus direitos hoje: entre a construção das identidades e a história. *Revista de História*, [S.l.], n. 149, p. 45-68, 2003.

GROSSI, Patricia Krieger; OLIVEIRA, Simone Barros de; OLIVEIRA, Jairo da Luz. Mulheres quilombolas, violência e as interseccionalidades de gênero, etnia, classe social e geração. *Revista De Políticas Públicas*, São Luís, v. 22, p. 929-948, 2018.

GUARINELLO, Norberto L. Festa, trabalho e cotidiano. *In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial/Hucitec/Fapesp, 2001. v. 2. p. 969-975.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Base de Informações sobre Indígenas e Quilombolas*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://dadosgeociencias.ibge.gov.br/portal/apps/sites/#/indigenas-e-quilombolas>. Acesso em: 20 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *União dos Palmares*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/uniao-dos-palmares/historico>. Acesso em: 20 nov. 2022.

---

LUSA, Mailiz Garibotti; SILVA, Maria Ester Ferreira da; ALBUQUERQUE, Cícero Ferreira de. Políticas públicas no semiárido alagoano e a resistência quilombola e camponesa frente à exploração capitalista. *In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS*, 7., 2013, São Luís, MA. *Anais [...]*. São Luís, MA: UFMA, 2013.

MALCHER, Maria A. Farias. A geografia da territorialidade Quilombola na Microrregião de Tomé – Açu: o caso da ARQUINEC – Associação das comunidades Remanescentes de Quilombos Nova Esperança de Concórdia do Pará. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – CEFET, Belém, 2006.

MALCHER, Maria A. Farias. Formação e territorialização quilombola no estado do Pará. *Revista da ABPN*, Curitiba, v. 9, n. 23, p. 57-81, jul./out. 2017.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento; MENDES, Carmelita Bastos; SILVA, Weronike Caraíba Moreira. Pelo direito de ser diferente: a situação atual das comunidades quilombolas em alagoas. *Brasil Revista Científica do IFAL*, Maceió, v. 3, n. 2, jul./dez. 2012.

MARQUES, José da Guia. *Relatório Antropológico de reconhecimento e delimitação do território da Comunidade Quilombola Sítio Arruda*. Fortaleza: INCRA/SR-02/F/F4 CE, 2010.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Fundação Cultural Palmares. *Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos (CRQS) atualizada até a portaria nº 268/2017, publicada no dou de 02/10/2017*. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em: set. 2022.

MIRANDA, Shirley A. de. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 369-383, maio/ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200007>.

MOURA, Clóvis. *Quilombo: Resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1987.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global, 2006.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez.1993.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais em construção. *In: ALMEIDA, Alfredo W. Berno de et al. (org.). Territórios quilombolas e conflitos*. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia; UEA Edições, 2010. p. 42-49.

OLIVEIRA, Anelize Martins de; MARINHO, Marcelo. Comunidade Quilombola de Furnas do Dionísio: manifestações culturais, turismo e desenvolvimento local. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 23-30, 2005.

PEREIRA, Camila Silva; LIMA, Francisca Elizonete de Souza. A espacialização da cultura e as territorialidades quilombolas no estado do Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, Anápolis, GO, v. 11, n. 16, p. 223-239, jul./dez. 2015.

PEREIRA, Lídia Milhomem; ALMEIDA, Maria G. de. Paisagens construídas, mineração e turismo conforme a percepção dos moradores em Minaçu-GO. *CULTUR – Revista Cultura e Turismo*, Ilhéus, BA, ano 3, n. 1, p. 78-86, 2009.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revistados e reelaboraões no setor. *Revista Palavra Clave*, Colombia, v. 11, n. 2, p. 367-379, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PROJEÇÃO da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. *IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, 01 ago. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018>. Acesso em: 10 out. 2022.

RODRIGUES, Tayronne de Almeida *et al.* Comunidade Quilombola do Sítio Arruda: organização política, identitária e territorial. *Research, Society and Development*, [S.l.], v. 10, n. 11, e553101120245, 2021.

SANTANA, José Humberto dos Santos; ARAUJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. Documentação do português falado em comunidades rurais afro-brasileiras de Sergipe: patrimônio e memória. *Palimpsesto – Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 121-138, 2018.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria L. *Território: Globalização e fragmentação*. 5. ed. São Paulo: Hucitec; Anpur, 2002.

SANTOS, Roberto dos Lacerda; SILVA, Gicélia Mendes da. Reterritorialização, conflitos ambientais e saúde em comunidades quilombolas de Sergipe. *Revista da ABPN*, [S.l.], v. 8, n. 18, p. 239-254, nov. 2015/fev. 2016.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos *et al.* Possibilidades e realidades em comunidades Quilombolas do Maranhão: o turismo como resgate da memória e identidade. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, v. 8, n. 2, p. 316-336, 2020.

---

SILVA, Ademir Alves. As relações estado-sociedade e as formas de regulação social. *In: Capacitação em Serviço Social e Política Social: Reprodução Social, Trabalho e Serviço Social (módulo 02)*. Brasília: CFESS; ABEPSS; CEAD; UnB, 1999. p. 55-71.

SILVA, Givânia Maria da. Projeto político pedagógico: instrumento de afirmação de direitos e cidadania no Quilombo Conceição das Crioulas. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO*, 26., 2013, Recife. *Anais [...] Recife: Associação Nacional de Política e Administração da Educação*, 2013.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semi-árido. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 18, n. 1-2, p. 361-385, dez. 2003.

SILVA, Wellington Amâncio da; MIRA, Feliciano de. Gestão socioambiental na comunidade de remanescentes quilombolas de Cruz em Alagoas. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, SP, v. 10, n. 3, p. 75-85, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271991771>.

SOUSA, Antonio Vilamarque C. de. *Afro-cearenses em construção: discursos identitários sobre o negro no Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2008.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de; SANTOS, Rodrigo Herles dos. Identidades e socioespacialidades de comunidades tradicionais do sertão de Alagoas. *GEOSABERES – Revista de Estudos Geoeducacionais*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 362-375, jul./dez. 2015.

SOUZA, Vânia R. F. de Paiva. Conceição das Crioulas, Salgueiro (PE). *In: O'DWYER, Eliane Catarino (org.). Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1977.